

FACULDADE AUTÔNOMA DE DIREITO - FADISP

VALÉRIA MORINE NAGY

Direito

Disciplina: ANTROPOLOGIA E DIREITO

Professor: Dr. Márcio Anatole de Souza Romeiro

**Quadro hipotético-explicativo da sociedade brasileira,
segundo Darcy Ribeiro – Sociedade atual e modelos humanos.**

**Modelo ideal de humano para uma sociedade idealmente
Livre/Justa/Solidária**

SÃO PAULO

NOVEMBRO, 2015

“A morte é apagar-se, como apagar a luz. Presente, passado e futuro? Tolice. Não existem. O que vai ficando para trás com o passado é a morte. O que está vivo vai adiante.”

Darcy Ribeiro (1922-1997)

RESUMO

O presente trabalho propõe a reflexão da sociedade atual e, assim, de qual seria a sociedade ideal brasileira, a partir da visão do antropólogo Darcy Ribeiro. Por meio de seus anos de estudos e análises sobre a composição do povo brasileiro, compreende-se a diversidade cultural desse povo que, desde sua colonização, tenta estabelecer o que seria sua identidade como nação. A miscigenação, as crenças e descrenças vistas de todos os pontos de vista étnicos e, portanto, culturais e espirituais de cada raça, formaram um país que poderia ser considerado como todos em um só. Porém, essa diversidade trouxe, além de beleza e encantamento, problemas sociais diversos dos quais herdamos muito. Este é um desafio para o futuro dessa sociedade tão rica e tão pobre ao mesmo tempo.

PALAVRAS-CHAVE: DARCY RIBEIRO – POVO – BRASIL – CULTURA – SOCIEDADE – MISCIGENAÇÃO – IDEALIZAÇÃO.

ABSTRACT

This proposes a reflection of today's society and thus of what the Brazilian ideal society, from the anthropologist Darcy Ribeiro vision. Through his years of studies and analyzes on the composition of the Brazilian people, we understand the cultural diversity of these people that since its colonization, attempts to establish what would be his identity as a nation. The miscegenation, beliefs and unbelief views of all ethnic views and therefore cultural and spiritual of each race, formed a country that could be considered to be all in one. However, this diversity brought in addition to beauty and enchantment, various social problems which

we inherited a lot. This is a challenge for the future of this society so rich and so poor at the same time.

*KEYWORDS: DARCY RIBEIRO - PEOPLE - BRAZIL - CULTURE -
SOCIETY - MISCEGENATION - IDEALIZATION.*

Sumário

INTRODUÇÃO	5
1 SOCIEDADE ATUAL E MODELOS HUMANOS	6
1.1 Darcy Ribeiro	6
2 O BRASIL CAIPIRA	9
3 O CAIPIRA, SEGUNDO DARCY RIBEIRO	11
4 MODELO IDEAL DE HUMANO PARA UMA SOCIEDADE IDEALMENTE JUSTA/ LIVRE/ SOLIDÁRIA	13
5 HOMEM IDEAL E ANÁLISE DE DARCY RIBEIRO	15
CONCLUSÃO	17
REFERÊNCIAS	18

Introdução

Num mundo cuja origem intelectual já passou por tantas e tantas mudanças, verificar, no século 21, ainda grande influência medieval e até anterior, fazendo valer ainda visões socráticas e aristotélicas, pensar o homem ideal para a garantia de uma sociedade livre, justa e solidária é tarefa árdua, especialmente quando falamos de Brasil.

Um país ainda jovem, com pouco mais de 500 anos, vive inúmeros problemas políticos e sociais, graças à sua história penosa de invasão, exploração e perda de suas raízes pelos europeus, faltando com o respeito à Natureza e seus habitantes originais, os índios.

O povo brasileiro tem diversas matrizes e influências, porém traz em seu âmago muito da cultura imperialista e colonial, fazendo, em muitos aspectos, conservadorismo e progressismo baterem de frente, num embate que, muita vez, se vê extremismos e fundamentalismos se mostrarem mais ativos.

Darcy Ribeiro, antropólogo, dedicou sua vida ao estudo dessa formação, do povo brasileiro, analisando sua origem e suas vertentes. Assim, com a promulgação da Constituição Federal de 1988, o Brasil vem buscando sua sociedade livre, justa e solidária (Art. 3º, CF). Mas será que encontrará esse caminho?

1 SOCIEDADE ATUAL E MODELOS HUMANOS

1.1 Darcy Ribeiro

Darcy Ribeiro nasceu em 1922, em Minas Gerais. Formou-se em Antropologia pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Dedicou grande parte de sua vida ao estudo dos índios brasileiros, criando o Museu do Índio e o projeto do Parque Indígena do Xingu. Foi político e escritor. Deixou o legado da defesa da causa indígena. Morreu em 1997, em Brasília, aos 75 anos de idade.

O Brasil, para muitos, é considerado um país acolhedor à diversidade, seja de raça, de credo, sexualidade, etc. Porém, essa, talvez, seja uma visão romântica do país, um pouco distante da realidade.

Nesse sentido já asseverava Darcy Ribeiro:

Às vezes, se diz que nossa característica essencial é a cordialidade, que faria de nós um povo por excelência gentil e pacífico. Será assim? A feia verdade é que conflitos de toda ordem dilaceraram a história brasileira, étnicos, sociais, econômicos, religiosos, raciais etc. O mais assinalável é que nunca são conflitos puros. Cada um se pinta com as cores dos outros (RIBEIRO¹, 1995, p. 167).

Essa pacificidade brasileira é apenas aparente, pois o Brasil está sempre permeado por conflitos desde os tempos remotos. Hoje, essa falsa aparência é notada pela violência cada vez mais crescente, seja física ou moral, que facilmente testemunhamos pelas ruas e até mesmo pela ascensão da internet,

¹RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro – formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

por meio das redes sociais. O advento do *bulliyng*, da homofobia e xenofobia mostra essa discrepância social que, de pacífica, nada tem. O antropólogo, com uma visão analítica, compreendia esse quadro muito a contento.

O processo de formação do povo brasileiro, que se fez pelo entrelaçamento de seus contingentes índios, negros e brancos, foi, por conseguinte, altamente conflitivo. Pode-se afirmar, mesmo, que vivemos praticamente em estado de guerra latente que, por vezes, e com frequência, se torna cruento, sangrento (RIBEIRO, p. 168).

Desde seu descobrimento pelos portugueses, o objetivo para com as terras brasileiras era de explorá-las. Tirar daqui as riquezas e, quando da colonização, mantê-las nas mãos daqueles que detinham o poder e a fortuna. A exploração do ouro e de outros minérios valiosos que foram quase que saqueados para a Europa, assim como o pau-brasil, árvore que produzia uma espécie de tinta que foi muito usada no tingimento de tecidos europeus e, após, o advento dos engenhos de açúcar, que proporcionou muito luxo, e dinheiro, e poder aos senhores de engenho, elevando cada vez mais a importação dos escravos africanos para o Brasil, mostra um cenário nada humanitário, mas altamente capitalista, com o foco no lucro e no aumento de divisas nas famílias que estavam no poder. Posteriormente, com as plantações de café e o fim da escravidão, chegaram os imigrantes europeus e orientais, que trabalharam para as fazendas de café, a baixo custo, complementando ao lucrativo mercado da diversidade étnica e cultural, mais uma matriz, para unir-se à indígena e à africana.

Tendo em vista que a fase mais exploratória e cruel, digamos assim, foi a escravista, nas palavras de Darcy Ribeiro:

O Brasil é o produto da implantação e da inteiração de quatro ordens de ação empresarial, com distintas funções, variadas formas de recrutamento da mão de obra e diferentes graus de rentabilidade. A principal delas, por sua eficácia operativa, foi a empresa escravista, dedicada seja à produção de açúcar, seja à mineração do ouro, ambas baseadas na força de trabalho importada da África. A segunda, também de grande êxito, foi a empresa comunitária jesuítica, fundada na mão de obra servil dos índios. [...] A terceira, de rentabilidade muito menor, inexpressiva como fonte de enriquecimento, mas de alcance social substancialmente maior, foi a multiplicidade de microempresas de subsistência e de criação de gado, baseadas em diferentes formas de aliciamento de mão de obra, que iam de espúrias parcerias até a escravização do indígena [...] (RIBEIRO, p. 176).

2 O BRASIL CAIPIRA

A vida do brasileiro rural tem peculiaridades que ainda se mantêm nos dias de hoje, embora muito de sua essência tenha se perdido ao longo de tempo e com a redução considerável das áreas rurais, dando espaço às áreas urbanas e o urbanismo a elas acompanha, do ponto de vista cultural, inclusive.

A vida do homem do campo sempre foi baseada na simplicidade de costumes. O trabalho na roça, o trato dos animais, o tirar seu sustento da própria terra e daquilo que pode ser produzido pelos animais, a pouquíssima necessidade tecnológica, a pouca ou quase nenhuma cultura e instrução, ou seja, a vida simples. Essas características identificam o caipira, que vive permeado ainda do primitivismo da vida humana, em seus hábitos e objetivos.

Para essa população, não há filosofia ou profundidade no entender a vida, as coisas são como são, numa sequência que, para eles, é natural. Ao homem cabe o trabalho braçal, na terra, na lavoura; à mulher, cabe o cuidar da casa, dos afazeres domésticos e da alimentação, incluindo a ordenha e cultivo de alimentos para consumo da família.

Seria esse estilo de vida ideal? É nítida a influência paternalista na composição da cultura caipira, herança do colonialismo vivido no Brasil. O machismo, portanto, é muito evidente.

Podemos notar essa caricatura bem acentuada no longa-metragem “A tristeza do Jeca”², protagonizada por Amácio Mazzaropi (Brasil, 1961). A história retrata o caipira típico, na qual Jeca é um trabalhador que exerce certa liderança na comunidade onde mora, numa fazenda do interior. A cidade está prestes a

² **A TRISTEZA DO JECA**, produção e direção: Amácio Mazzaropi. Pam Filmes, Brasil: 1961. 95 minutos.

passar por eleições de prefeito e a disputa entre os candidatos é feita pela estratégia de angariar os votos dos moradores dessa comunidade. Embora o filme seja uma comédia, ou seja, caricata à vida caipira, retrata bem como eram – e ainda são – formadas as famílias interioranas. Da filha que não pode namorar sem a permissão do pai; a mãe que tem de cuidar da casa e não pode dar opinião, as frases como “isso não é coisa de mulher” etc. até o forte sotaque caipira, que, muita vez, expressa a língua portuguesa primitiva, na sua correta aplicação, ainda que pareça errada. É ainda possível encontrar essa configuração de humano nos interiores brasileiros, ainda que já contaminados pela “cidade grande”.

3 O CAIPIRA, SEGUNDO DARCY RIBEIRO

Para Ribeiro, a formação do povo caipira se dá em São Paulo, no advento dos Bandeirantes, e têm origem nessa exploração e embate com os índios.

Em família e também nas relações entre paulistas, só se falava a língua geral, que era uma variante do idioma dos índios Tupi de toda a costa. Também indígenas eram as técnicas da lavoura de coivara, bem como de caça, de pesca e de coleta de frutos silvestres de que se sustentavam. A tralha doméstica, de redes de dormir, gamelas, porongos, peneiras, etc., pouco diferia da disponível numa aldeia indígena (RIBEIRO, p. 364).

O autor expõe que diversas culturas existentes no Brasil têm sua origem no colonialismo europeu, especialmente o português, seja explorando os negros escravizados trazidos da África, sejam os índios nativos das matas brasileiras. Nessa exploração de minérios e riquezas, foram criando-se comunidades, misturas de raças e de culturas, criando, então, identidades próprias na formação do povo brasileiro.

Enquanto formação, São Paulo não era uma reencarnação de etapas progressas da evolução humana. Era uma formação colonial-escravista, estruturada como uma contraparte contemporânea e coetânea da formação mercantil-salvacionista ibérica. Essa posição histórico-evolutiva é que lhe impunha, por um lado, sua característica básica de sociedade estratificada em classes antagônicas e bipartida em componentes rurícolas e citadinos, esses últimos liberados das tarefas de subsistência para ocupar-se de outras funções, e, por outro lado, seu papel de agência difusora da civilização ibérica e impositora de sua dominação sobre o território brasileiro (RIBEIRO, p. 365).

Não obstante a visão de Darcy Ribeiro clareia a mente no que tange a má conduta do período colonial, na dominação europeia sobre as terras que invadiram nas Américas, ocasionando devastação de povos nativos, desrespeito e posturas arrogantes permeadas por crenças medievais, que sustentavam uma superioridade europeia em detrimento aos demais povos, como os negros, ou os índios, que, por tempos, sequer foram considerados como “pessoas”.

O que se vê é que, apesar de o caipira ser parte da cultura do país, sua origem vem da mentalidade exploradora dos portugueses. Os povos foram constituindo-se no caminho das explorações, absorvendo culturas locais, incluindo sua linguagem, fazendo nascer novas comunidades e cultura própria, porém, mantendo em seu cerne a cultura medieval do machismo, do paternalismo, da arrogância preconceituosa instaurada pelo cristianismo católico inquisidor, da época, por nós herdada desses povos provindos da Europa.

Nessa república de fazendeiros, os problemas do bem público, da justiça, do acesso à terra, da educação, dos direitos dos trabalhadores eram debatidos tal como a democracia, a liberdade e a igualdade. A máquina só funcionava substancialmente para mais consolidar o poder e a riqueza dos ricos. Como o resultado social dessa política era um atraso vexatório, se desenvolve nas classes dominantes uma atitude de franco descontentamento para com o próprio povo, cuja condição mestiça ou negra explicaria o atraso nacional. Em consequência, aos motivos econômicos se somam incentivos ideológicos para a realização de enormes investimentos públicos a fim de atrair ao país colonizadores brancos, na qualidade de reprodutores destinados a "melhorar a raça". E não se queriam lusitanos porque também contra seus avós portugueses se rebelava a alienação oligárquica, convencida de sua própria inferioridade racial e que explicava seus êxitos pessoais como exceções (RIBEIRO, p. 403).

4 MODELO IDEAL DE HUMANO PARA UMA SOCIEDADE IDEALMENTE JUSTA/ LIVRE/ SOLIDÁRIA

O Artigo 3º, inciso I, da Constituição Federal de 1988, apresenta o texto: “Art. 3º: Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: I – construir uma sociedade livre, justa e solidária”.

A problemática começa a partir da própria afirmação do texto constitucional: o que e como seria uma sociedade livre, justa e solidária? A partir dessa resposta nasce o ideal de humano para viver em um mundo conturbado como o que a Terra testemunha.

No Brasil, há, claramente, longa distância para que se alcance esse objetivo fundamental da CF, pois, ainda que já se possa perceber certa evolução, o país vive sobre bases frágeis nos aspectos sociais, quiçá, a proteção da liberdade, da Justiça e da solidariedade.

O ser livre é garantir o convívio tolerante com o próximo, eliminando o egoísmo e a ganância, e pensando o homem como ser social. O “tratar os outros como gostaria de ser tratado”, cujo alicerce é o respeito às diferenças. Destarte o ser solidário é o cumprir as normas não como meio de não ser punido, mas como garantia de promoção ao bem-estar do coletivo. Assim, a justiça será consequência da liberdade e da solidariedade.

Mas não é essa a realidade. A humanidade hoje testemunha atos de intolerância de vários matizes, cujos motivos são diversos, mas chegam o mesmo lugar: imposição de vontades em detrimento das visões dos outros. Isso faz, por óbvio, explodir a violência no seio social. Essas atitudes boicotam as

liberdades individuais, colocam em xeque a dignidade humana e violam os estatutos dos direitos fundamentais. Não há, a partir da intolerância, solidariedade, pois ninguém quer respeitar aquele que não pensa igual, ao contrário, esses devem ser eliminados. Portanto, não se pode ainda ter a real Justiça.

A exploração dos povos, o ataque às minorias são heranças culturais trevosas que vão do encontro à utopia constitucional.

O terrorismo é exemplo do extremismo humano. Não basta não concordar com o outro, é preciso impor, à custa de vidas inocentes, as convicções e ideais de A, ou B, ou C. Aquele que assim não pensar, será covardemente ceifado da superfície terrestre. Partindo desse exemplo, percebe-se o longo caminho a ser trilhado para a chegada de uma sociedade livre, justa e solidária, se é que será possível chegar a ela. O homem ideal deve ser exatamente o oposto disso. Já dizia John Kenneth Galbraith³:

Na sociedade justa, todos os cidadãos devem desfrutar de liberdade pessoal, de bem-estar básico, de igualdade racial e étnica, da oportunidade de uma vida gratificante. Temos de reconhecer que nada nega tão amplamente as liberdades do indivíduo quanto a ausência total de dinheiro. Ou as reduz tanto quando há muito pouco.

³ GALBRAITH, J. K. **A era da incerteza**. São Paulo: Pioneira, 1983.

5 HOMEM IDEAL E ANÁLISE DE DARCY RIBEIRO

Darcy Ribeiro tinha em seu cerne a concepção do homem ideal: livre, justo e solidário. Todavia seu nascimento ficou nas páginas de seus livros e no imaginário desse esplêndido cientista social, que muito fez pelo Brasil.

Sua extensa pesquisa com os índios e seus estudos sobre a formação do povo brasileiro deixa clara a vil linha que separa a realidade da utopia. Os europeus, predominantemente os portugueses, chegaram ao Brasil com o propósito de exploração; não queriam fazer dessa terra sua morada. Queriam suas riquezas. Como conduta herdada da Idade Média, os colonizadores tinham em sua cultura a servidão. Daí toda a triste passagem da escravidão nas Américas. Sobre os índios, sequer sabiam identificar se eram pessoas ou animais. Mas dos africanos tinham certeza.

Esse perfil colonialista, machista, racista e intolerante quanto a religiões que não a Católica Romana ficou no DNA do que seria o povo do Brasil. Ainda hoje essa sociedade sofre com a mentalidade cristão-medieval e suas não tolerantes ideologias.

Foi o que Ribeiro conclui, ainda que chamasse o país de Nova Roma. Mas qual seria o sentido de “Roma” que ele pensou? Assim,

Reconstituir esse processo, entendê-lo em toda a sua complexidade, é meu objetivo neste livro. Parece impossível, reconheço. Impossível porque só temos o testemunho de um dos protagonistas, o invasor. Ele é quem nos fala de suas façanhas. É ele, também, quem relata o que sucedeu aos índios e aos negros, raramente

lhes dando a palavra de registro de suas próprias falas. O que a documentação copiosíssima nos conta é a versão do dominador. Lendo-a criticamente, é que me esforçarei para alcançar a necessária compreensão dessa desventurada aventura. Tarefa relevantíssima, em dois planos. No histórico, pela reconstituição da linha singular e única de sucessos através dos quais chegamos a ser o que somos, nós, os brasileiros. No antropológico, porque o processo geral de gestação de povos que nos fez, documentadíssimo aqui, é o mesmo que fez surgir em outras eras e circunstâncias muitos outros povos, como a romanização dos portugueses e dos franceses, por exemplo, de cujo processo de fazimento só temos notícias escassas e duvidosas. (RIBEIRO, pp. 30 e 31)

CONCLUSÃO

O ideal de homem para o mundo ainda está no campo utópico. É claro que toda utopia é possível, mas, enquanto o seu tempo não chegar, manter-se-á ela na filosofia e nas ideias. A Constituição Federal de 1988 faz jus ao seu apelido, “Constituição cidadã”, pois assim ela é; preocupada com os direitos fundamentais, individuais, e com a dignidade da pessoa humana. Todavia, boa parte dela é utópica. A norma propõe em seu texto o “dever ser”, o como deveria ser o homem ideal.

Já Darcy Ribeiro, antropólogo que foi, entendeu o homem como um ser dominador, que necessita do poder para se sentir parte num todo. Há quem domina e há quem é dominado. Equação básico do poder de um sobre o outro. O Brasil na visão de Ribeiro reflete ainda a sua origem colonialista, feudal, dominadora. Todas as matrizes que compõem seu povo têm o DNA da exploração europeia, da dominação sobre os índios e a escravidão dos negros; traz o ranço da inquisição, da mentira e da ganância.

Vemos isso claramente nos dias de hoje: a corrupção na política brasileira; o descaso social; a impunidade. Há, no Brasil, flagrante inversão de valores, no qual o certo é visto como errado e vice-versa. O povo, sempre oprimido e ignorado continua explorado em seu desconhecimento político. Não sabem votar, não sabem agir. Continuamos, pois, como os índios e como os negros nas mãos dos senhores.

Mas Ribeiro não tinha visão pessimista. Achava que o Brasil poderia mudar, assim como realmente pode. Há, todavia, um longo percurso para isso, pois será preciso uma nova ordem, uma nova mente, um novo padrão cultural e social. Necessário se faz a libertação das amarras do preconceito, do machismo, do imperialismo, da intolerância e da ignorância. Para tanto, precisará ocorrer um esforço sobre-humano para que mentalidades mudem o suficiente para as próximas gerações serem formadas dentro dessa nova ordem.

Que se comece, então, pela educação de base, a principiar a verdade da história do país, para que seja válida a Constituição e garantida a formação da sociedade livre, justa e solidária.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição Federal da República Federativa do Brasil**, 1988.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro — A formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GALBRAITH, Jonathan Kenneth. **A era da incerteza**. São Paulo: Pioneira, 1983.

FILME

A TRISTEZA DO JECA. Produção e direção: Amácio Mazzaropi. Pam Filmes, Brasil: 1961. 95 minutos.